

Revista Adventista

«ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS À UNIDADE DA FÉ, AO CONHECIMENTO DO FILHO DE DEUS»

(S. PAULO, AOS EFÉSIOS, 4:13)



N.º 52

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1950

PREÇO: 2\$50

(ESTES NÚMEROS ESPECIAIS)

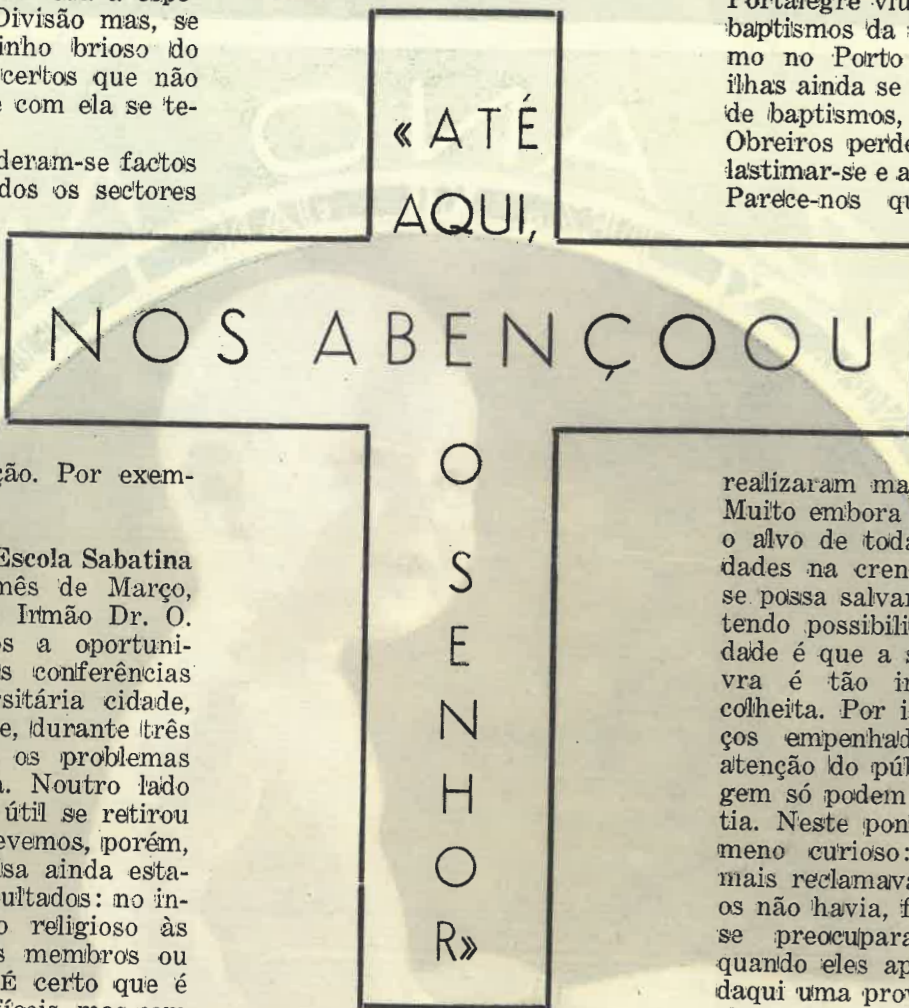
A União Portuguesa dos Adventistas é a mais nova e fraquinha na grande família da Divisão Sudeuropeia. Tem apenas 9 anos de existência! Nasceu no período da II Guerra Mundial e tudo levava a crer que não passasse de uma pobre e asténica criaturinha. Mas a verdade é que lá vai vivendo e parece querer assumir atitude briosa em relação aos restantes membros da família. Claro está que tem gasto continhas caladas em medicamentos de toda a espécie, à pobre mãe-Divisão mas, se continuar no caminho brioso do trabalho, estamos certos que não será chorado o que com ela se tenha gasto.

No ano de 1949 deram-se factos importantes em todos os sectores

a presença energética do Irmão J. G. Cross. Foram feitos os planos para as actividades durante os meses de Verão que deram esplêndidos resultados, bastando dizer que só nesses meses se obteve quase o mesmo resultado de anos inteiros no passado. Milhares de pessoas foram visitadas e muitos milhares de livros e revistas foram colocados. Continua a batalha, com o auxílio decidido do Departamento da Divisão, estando na

Verde há pessoas a desejarem tornar este ramo das nossas actividades evangelizadoras.

A Evangelização continuou no mesmo ritmo e até com certa vivacidade em determinados sectores. Acabou a lenda de que em Coimbra não se podiam reunir auditórios e o Irmão J. Grave lá está colhendo frutos muito positivos, entre os quais deveremos citar uma dúzia de crianças na Escola Sabatina. Portalegre viu o maior número de baptismos da sua história. O mesmo no Porto e em Lisboa. Nas ilhas ainda se viu um bom número de baptismos, até mesmo onde os Obreiros perderam o seu tempo a lastimar-se e a causar dificuldades. Parece-nos que nos Açores se



da nossa organização. Por exemplo:

A Convenção da Escola Sabatina em Coimbra, no mês de Março, com a presença do Irmão Dr. O. Schuberth. Tivemos a oportunidade de fazer três conferências públicas na universitária cidade, com bom auditório e, durante três dias, estudaram-se os problemas da Escola Sabatina. Noutro lado se diz que algo de útil se retirou dessa convenção. Devemos, porém, dizer que numa coisa ainda estamos para ver os resultados: no interesse pelo ensino religioso às crianças, filhas dos membros ou dos simpatizantes. É certo que é dos ensinos mais difíceis, mas com um bocadinho de dedicação dos Obreiros algo mais se poderá realizar. O próprio Departamento ficou adormecido e nem sequer os rolos da Escola Sabatina foram pedidos à América! Devemos também dizer que continua o ensino da Escola Sabatina a ser mais fogo de vista do que ensino real. Há muitos, quase todos os monitores, que continuam no sistema «discurso», «sermão», na sua classe. Enfim, fez-se algo, mas o mais importante resta por fazer e seria bom que os delegados dessa Convenção fizessem um apelo à sua boa vontade para realizar o que foi votado.

Convenção da Colportagem em Portalegre, no mês de Junho, com

forja mais outro livro: «Guia Prático de Saúde para os Lares». Passou a época em que os relatórios dos colportores eram rosários de misérias. Hoje contam outras histórias: este teve uma média de 10 livros por dia; aquele, num dia, viu 32 livros vendidos; ainda outro, em dois meses, vendeu 15.000 escudos de literatura, e até principiantes vendem aos 10 livros por dia. Portugal pode e deve ter uma Obra de Publicações tão forte como a de outros países. Basta que copiem as actividades de tanta casa editora em território português. Elas que estão abertas e a abrirem é sinal de que os livros têm consumidores. Sentimo-nos animados em ver que até em Cabo

realizaram mais de 30 baptismos. Muito embora os baptismos sejam o alvo de todas as nossas actividades na crença de que ninguém se possa salvar não se baptizando, tendo possibilidade de tal, a verdade é que a sementeira da Palavra é tão importante como a colheita. Por isso, todos os esforços empenhados em chamar a atenção do público para a Mensagem só podem ter a nossa simpatia. Neste ponto deu-se um fenómeno curioso: os Obreiros que mais reclamavam folhetos quando os não havia, foram os que menos se preocuparam em semeá-los quando eles apareceram! Tirámos daqui uma proveitosa lição: as reclamações encobrem quase sempre uma desculpa para a falta de zelo e actividade. Há sempre possibilidade de trabalhar e elementos mais do que suficientes para o exercício da nossa evangelização pessoal.

Pensámos que todos os Obreiros, quando não possam obter auditórios e consequente trabalho bíblico, podem e devem distribuir sensatamente séries contínuas de folhetos contendo a mensagem. Estão prontos a seguir.

Os nossos missionários coloniais receberam cuidados particulares da Organização e tomaram-se medidas que nos permitem dizer que vão muitíssimo bem para os seus

(Conclui na página 16)

SEMINÁRIO ADVENTISTA DE PORTALEGRE

RELATÓRIO APRESENTADO À ASSEMBLEIA GERAL DA
UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO
DIA, REUNIDA EM LISBOA, EM SETEMBRO DE 1949

Funcionando em Portalegre, desde 1944, a nossa Escola Missionária, se bem que pequena, tem já alguma coisa a apresentar aos delegados a esta assembleia geral da União Portuguesa.

Actividades espirituais

Como não podia deixar de ser, são mencionadas em primeiro lugar as suas actividades espirituais. Tratando-se de uma escola missionária, naturalmente se esperaria um intenso trabalho missionário por parte de seus alunos e professores.

Com efeito, podemos mencionar os seguintes locais com reuniões regulares a cargo dos professores e alunos do Seminário: Portalegre (domingos, terças, quintas e sábados); Ribeira de Nisa (segundas); Ribeira de Seda (segundas); Reguengo (quartas). Com excepção do último ano, realizou também a escola todo o trabalho regular em S. Julião e Ribeira de Nisa. Ocasionalmente, se têm feito também reuniões na Etiqueira, na Ribeirinha e nos Carris.

A par deste trabalho, a cargo do Grupo de Evangelização, outro grupo, o de Correspondência e Distribuição de Literatura, realizou em 1947-48 uma bem organizada campanha de distribuição de folhetos em Portalegre e em Castelo de Vide. Nesta última vila, onde há já pessoas interessadas, contamos concentrar a nossa atenção a partir do próximo Outubro.

Todos os anos se têm registado alguns baptizados na região. Este ano tivemos já o privilégio de contar 23, dos quais 1 da Igreja do Seminário, 11 da Igreja de Portalegre e 11 da Igreja da Ribeira de Nisa. Para esse êxito muito contribuíram os esforços dos estagiários Irmãos Manuel Lobato e Manuel Jorge de Mendonça. Quem sabe se os nossos alunos também contribuíram com a sua quota-parte. Só Deus sabe. Paulo, plantou; «Apolo, regou; mas Deus deu o crescimento».

Mais dois grupos têm dado sinais de vida — o de Beneficência, com reuniões regulares para a confecção de vestuário, todas as segundas-feiras; e o de Oração, com reuniões regulares todos os sábados.

Não deve ser deixada no esquecimento a esplêndida colaboração dada, todos os anos, pelo Coro do Seminário, nas campanhas de evangelização realizadas na cidade.

Muito mais e melhor se poderia ter feito, mas o que se realizou constitui suficiente motivo para louvarmos a Deus e confiarmos no futuro.

Actividades intelectuais

Têm funcionado normalmente as aulas no nosso Seminário. As condições de estudo têm melhorado notavelmente: a biblioteca tem aumentado; o laboratório de química, física e ciências naturais ultrapassa as exigências do programa liceal.

Se bem que houvesse necessidade de um professor de Bíblia treinado numa escola superior adventista, os outros professores têm manifestado competência e dedicação ao ensino. Desde Abril até ao fim do ano lectivo deram sempre aulas extraordinárias aos alunos que deviam ser submetidos a exame oficial.

Desde 1946 realizaram-se, com bom êxito, os seguintes exames oficiais no liceu da cidade:

1.º ciclo	18
2.º ciclo	4
	<hr/>
	22

Se atendermos às regalias que esses exames oferecem, inclusivamente para a consecução do diploma de ensino primário particular, não é caso para ser passado em silêncio.

Obreiros diplomados pelo Seminário

Segundo o ponto de vista da Escola, cada aluno devia concluir o seu curso antes de entrar na Obra. Nem sempre, porém, assim tem sucedido, sem dúvida devido às necessidades urgentes do campo e talvez a outras circunstâncias.

Os ex-alunos do Seminário actualmente trabalhando na Obra, como obreiros regulares ou simplesmente estagiários, estão distribuídos de acordo com o seguinte esquema:

Curso de Evangelistas	Campo de actividade
Completo	
	1 Evangelização na Metrópole
	1 Departamento de Publicações
	1 Professor em S. Tomé
	1 Missionário em Moçambique
	<hr/>
	4

Incompleto

4	Evangelização na Metrópole
1	» na Madeira
1	» em Cabo Verde
1	Departamento de Publicações
2	Missionários em Angola
9	

Curso de Obreiros Bíblicas

Completo

1	Escritórios da União
1	

Incompleto

1	Professora no Funchal
1	Escritórios da União
2	Esposas de obreiros na Metrópole
2	Esposas de obreiros em Angola
1	Esposa de obreiro em Moçambique
7	

Situação financeira

Se bem que desde 1945 tenhamos operado dentro dos limites impostos pelos orçamentos, devemos dizer que isso só tem sido possível graças à elevada dotação da Divisão Sul-Europeia.

Desejaríamos ver diminuída essa dotação e aumentadas as receitas de proveniência local. Não sei até que ponto poderemos alcançar esse objectivo, mas talvez seja útil a consideração dos seguintes pontos:

1.º — Embora o Seminário se encontre esplendidamente localizado quanto ao clima, o ambiente humano favorável, a possibilidade de evangelização e a experiência dos passados cinco anos, leva-nos a crer que devíamos procurar outra quinta. Além de ser relativamente elevada a renda que actualmente se paga, o terreno é demasiado pobre e a água escassa, para podermos auferir receitas compensadoras. Necessitaríamos de uma quinta, propriedade da União, com o rendimento de, pelo menos, cem contos anuais.

2.º — Dada a exiguidade de lucros no campo da colportagem, os futuros alunos necessitariam de uma ou mais indústrias que os auxiliasse a manterem-se. E como não podemos concorrer em preços com igual trabalho feito no nosso País, dada a barateza da mão-de-obra, torna-se necessária a multiplicação de resultados por meio do auxílio de máquinas.

3.º — Exorbitando um pouco das nossas atribuições, mas baseados na experiência do passado, preconizamos uma maior colaboração com as direcções do movimento em colónias portuguesas estranhas a esta União, e onde obreiros portugueses seriam úteis, se não necessários.

Possibilidades e perspectivas

Será o Seminário, com as suas características actuais, aquilo que justamente convém ao nosso campo?

Além dos melhoramentos possíveis e desejáveis no seu funcionamento, dois problemas se põem: a possibilidade de a escola se manter e a capacidade de absorção do campo.

Pensamos que seja possível, até certo ponto, a solução do primeiro, em presença das considerações acima expendidas.

Quanto ao segundo, sob pena de nos termos de limitar a uma escola de proporções mais modestas, teremos de atender aos seguintes imperativos:

1.º — Aumentar o número de alunos, cujas famílias paguem as despesas, para a obtenção de uma educação cristã, sem ter em vista o trabalho denominacional;

2.º — Operar durante o curso uma selecção cuidadosa em relação àqueles que, findos os estudos, hão-de ser admitidos como obreiros.

3.º — Atender aos apelos eventuais da Divisão Sul-Africana, enviando jovens finalistas com a melhor preparação que nos seja possível ministrar.

Conclusão

Ao terminar estas breves considerações, resta-nos agradecer à Divisão Sul-Europeia, à União Portuguesa, e aos obreiros e membros de nossas igrejas o interesse e carinho que têm dispensado à Escola Missionária de Portalegre. Essas atenções não só nos desvanecem — encorajam-nos para novas consecuições.

Pelo Seminário

O director

ERNESTO FERREIRA

Visita à Missão da Madeira

Tive o prazer de rever a nossa Missão da Madeira, a sua igreja do Funchal e o início da nossa obra de evangelização em Santa Cruz e Caniço.

Na semana da nossa permanência ali tivemos algumas reuniões públicas, nocturnas, em que vimos muitos dos nossos Irmãos e Amigos. A juventude mimoseou-nos com uma singela mas interessante reunião.

Tivemos um largo conselho administrativo. Nele pude ver que se baptizaram até à data e desde o início da Obra na Madeira, 260 pessoas. A emigração, a morte, a apostasia, reduziu aquele belo número a 121 membros actualmente no registo. Desses precisamos dar carta de transferência a uns 20, o que reduz logo para 101 o número de membros na Madeira. Infelizmente nem todos estão como humanamente seria para desejar.

O ministério do Irmão P. Ribeiro, nos últimos seis anos, foi abençoado com uns 66 baptismos. Por infelicidade a igreja perdeu nesse mesmo período 45 membros pelas três circunstâncias atrás apontadas. Uma percentagem elevada dos baptismos fez-se entre a juventude.

Os inícios são sempre difíceis e dolorosos. A evangelização da Madeira iniciada há mais de um século por denominações evangélicas fortes mantém-se dentro do Funchal e com poucos resultados. Ainda, mesmo assim, a nossa Obra não se pode queixar de falta de êxito, considerando o que se vê nas outras igrejas evangélicas.

No ano corrente, 1949, todos os objectivos propostos foram alcançados, faltando apenas o dos baptismos que, à data da presente notícia, são apenas dois, esperando porém que se aproximem dos 15 propostos.

A. DIAS GO MES

Revista Adventista

Relatório da Missão Madeirense

apresentado às Assembleias da União Portuguesa,
em Lisboa, de 20 a 25 de Setembro de 1949

Os crentes da Missão Madeirense, incumbiram-me de transmitir as suas cordiais saudações cristãs, aos prezadíssimos Irmãos directores da Divisão Sul-Europeia, presentes a esta assembleia, à direcção da União Portuguesa, a toda a assembleia reunida e a todas as Missões e Congregações aqui representadas pelos seus respectivos delegados.

Passarei a dar à assembleia um breve relatório das actividades missionárias do primeiro posto avançado do território da União Portuguesa.

Se nos anos transactos tivemos motivos para expressar perante a Assembleia da União a nossa viva e profunda gratidão a Deus pelos benefícios recebidos durante o exercício do nosso mandato, nesta 3.^a assembleia a que assistimos como responsáveis por este campo e 6.^o ano das nossas actividades, temos motivos sem número para dizer como o Salmista: «O meu coração ferve com palavras boas; digo: a minha obra é para o Rei». (Salmos 45:2). Só lastimo não poder fazer minhas as restantes palavras deste texto, que diz: «A minha língua é a pena de um destro escritor», porque então, poderia manifestar-vos, de uma forma mais erudita, como o Senhor nos tem abençoado.

Trabalho de evangelização

Ao regressarmos ao nosso posto de combate após as assembleias de 1947, levámos mais arreigado do que nunca o propósito de estender as nossas actividades missionárias para além dos limites da cidade do Funchal às pequenas freguesias vizinhas onde, até então, parecia impossível estabelecer qualquer trabalho.

As perspectivas de êxito dessa aventura, já por tantas vezes tentada pelos evangélicos durante os cento e tantos anos da sua permanência na ilha e sempre fracassada com manifesto desdém e regozijo das populações, não se nos afiguravam também a nós mais animadoras.

Não são, porém, do Mestre as palavras: «Ide, pregai e ensinai», e não vem essa ordem acompanhada da promessa do que Ele estaria connosco todos os dias? Por que pois hesitar se o dever é: «Amplia o lugar da tua tenda e as cortinas das tuas habitações se estendam»?

Conseguimos, depois de vencidos muitos obstáculos, abrir a nossa primeira sala de reuniões na villa de Santa Cruz, a 25 quilómetros do Funchal. Com bastante propaganda e o auxílio dos irmãos e da juventude da Igreja do Funchal, pudemos atrair ali considerável número de pessoas no dia da inauguração. Esse foi um dia de grande acontecimento na freguesia e a sala não chegou para conter os curiosos, vindo-se os nossos membros obrigados a ceder-lhes os lugares. É claro que não nos deixámos iludir com a ideia que iríamos ter sempre a nossa sala cheia; contávamos mesmo com uma forte reacção e esta não se fez esperar. Na próxima reunião, os 2 padres da freguesia vieram postar-se de um lado e outro do caminho que conduz à nossa sala, para impedir os que lá quisessem entrar e tomar nota dos nomes dos que tentassem romper o cerco para transpor o limiar da porta da casa, já excomungada e até atingida pelos feitiços de quantas bruxas existem no burgo e arredores, filhas mais devotas da «santa madre igreja»! Seguiu-se a perseguição aberta feita do púlpito da igreja paroquial, onde se nomeavam publicamente os nomes dos que se arriscassem a ir ouvir-nos. Não contente com isso, porque sempre havia um ou outro que desprezava as ameaças, o padre lançou mão da calúnia e, na hora da missa acusou o padre adventista de ter, pela violência, obrigado uma rapariga a entrar na sala, mas que esta lutou tanto para se defender que por fim conseguiu fugir mordendo as mãos do «calvinista».

Com o estabelecimento desta sala de culto, pudemos prestar assistência espiritual, não só a algumas almas sinceras que há tanto

tempo nos esperavam nesta freguesia, mas também aos nossos irmãos de Machico, Gaula e interessados do Caniço. Organizámos ali uma Escola Sabatina com 15 membros ficando o Irmão E. Pinto responsável por esse trabalho.

Trabalho no Caniço

Ainda que com muito prazer os nossos interessados do Caniço façam a pé o trajecto até Santa Cruz, todos os sábados e domingos para assistir às reuniões, andando para isso 22 quilómetros ida e volta, não estavam, contudo, satisfeitos sem terem o seu lugarzinho de culto também na sua freguesia. Para que não pudessemos alegar falta de verba para alugarmos uma sala, a qual ainda mesmo com muito dinheiro não conseguiríamos arranjar, eles próprios nos franquearam as suas portas para esse fim. Um jovem daquela localidade cedeu-nos um quarto da sua casa para fazermos as nossas reuniões públicas sem gastarmos um centavo. Não podemos deixar de ver nisso acto de verdadeira heroicidade, que só quem conhece este meio pode avaliar.

A primeira reunião que ali realizámos teve mais surpresas para nós do que para os próprios habitantes da freguesia. Ao começarmos a nossa reunião, mais de 50 vozes femininas, acompanhadas de instrumentos de música, começaram a cantar junto à nossa porta a ave-maria e não mais se calaram até que terminámos o culto. Ao mesmo tempo, um grupo de pessoas impedia qualquer que quisesse ir ouvir-nos. Quando saímos da sala, mais de 200 indivíduos seguiam atrás de nós tocando em latas, bacias velhas e outros objectos de uso mais variado, acompanhado de grande algazarra e assobios. Depois de tudo isto, o que mais admiração causou aos nossos próprios inimigos, foi a nossa calma e passividade, perante tamanho insulto que se prolongou durante muitas semanas. Mas foi precisamente essa nossa atitude que nos ajudou a granjear a simpatia do povo ali e, ainda que a maioria não goste de nós, no entanto suporta-nos e os que maior prazer tiveram em nos perseguir, hoje assistem às nossas reuniões e cantam já de cor os nossos hinos.

Hoje temos, nestas duas freguesias, Santa Cruz e Caniço, os mais corajosos missionários voluntários, que chegam a passar noites inteiras na distribuição de folhetos. Foram já baptizadas 4 pessoas desses dois lugares o ano passado e contamos baptizar mais 4 ainda este ano.

Trabalho no Funchal

Ainda que a nossa atenção e actividades se tivessem empenhado bastante no desenvolvimento do trabalho nas citadas freguesias, a cidade do Funchal não desmereceu o nosso habitual cuidado, porque é ela o principal fulcro de toda a actividade e onde menos se faz sentir a opposição. Desde as últimas assembleias até há um mês atrás, 3 campanhas de evangelização foram realizadas com a duração de 3 a 4 meses cada uma. Nesse período de tempo foram distribuídos cerca de 120.000 convites para as conferências públicas. Foi sempre o nosso propósito imprimir nesses programas, não somente o título de uma conferência pública, mas também alguma parcela da nossa mensagem, que mais não fosse, pelo menos um sugestivo texto das Sagradas Escrituras.

A assistência às reuniões foi sempre muito razoável. Dizemos razoável quando contamos umas 250 pessoas e só a consideramos boa, quando os 400 lugares que a nossa sala comporta ficam todos ocupados.

Os nossos ganhos de almas dentro do período a que nos reportamos, isto é, em 2 anos, foi de 37, sendo:

por baptismo	37
» carta	1
Total	38

Achamos de interesse mencionar os nossos ganhos e perdas, em número de almas, dentro do período de 6 anos:

Ganhos:

por baptismo	64
» carta	5
total de ganhos	69

Perdas:

por apostasia	19
» por morte	5
» carta	21

Média de baptismos por ano 11.3

Presentemente, o nosso número de membros é de 123, mas temos uns 17 a transferir para as mais variadas partes do mundo. Este é para nós um dos mais tristes aspectos do nosso trabalho na Madeira, que julgamos não ter semelhante em toda a nossa União: acrescentamos almas à Igreja e quase na mesma proporção as perdemos por transferência. Devido à ignorância destes factos, sabemos que o nosso trabalho já foi objecto de reparo da parte dos nossos superiores, dizendo que não se pode compreender como é que havendo baptismos, o número de membros da Missão não aumenta em proporção. Mas, compreende-se que, se eles não apostatarem ou não morrerem, só resta uma terceira porta de saída: a transferência. Portanto, é caso para lhes desejarmos boa viagem, bons negócios e muita prosperidade espiritual no Brasil, Curaçao, Trinidad, África, América e em Portugal Continental.

Ainda sobre o trabalho de evangelização, resta-nos falar de um outro campo de acção do qual, a exemplo do passado, podemos esperar bastantes resultados.

A nossa Escola Primária

Não obstante todas as deficiências e contrariedades que essa instituição nos tem trazido estes últimos anos, ela foi e pode continuar ainda a ser um viveiro de preciosas plantas para o jardim do Senhor. Desde que a Escola foi fundada há uns 12 ou 13 anos, *41 dos seus alunos foram baptizados*. Este resultado, só por si, justifica tudo quanto se possa ter despendido em favor desta instituição e coloca uma auréola de luz ao redor de tudo o que o Espírito de Profecia diz sobre a educação da infância e juventude. Afigura-se-nos como problema o mais delicado desta instituição escolar a questão dos professores e concordamos com a opinião do nosso Irmão Director da União, pastor Dias Gomes, quando diz, que não vale a pena ter escolas a não ser que os professores sejam verdadeiros missionários e considerem a sua escola como um pastor considerava a sua igreja.

Escola Sabatina

Pelo relatório do secretário de departamento da E. S. da União se poderá verificar que a escola sabatina da Madeira conta uma média de 150 membros, nas 2 escolas: Funchal e Santa Cruz e o

rendimento das ofertas é de aproximadamente 20 % sobre os dízimos, excedendo, portanto, em 5 % o normal estipulado.

Alvos financeiros

Os nossos alvos sempre têm sido alcançados e quase sempre ultrapassados. O total de todas as nossas ofertas para este período de 2 anos (1947-1948) elevou-se a 28,265 %.

Todos os alvos financeiros para 1949 já estão alcançados, inclusive a Grande Semana.

Dízimos

É com muito prazer que verificamos a fidelidade dos nossos membros no pagamento dos dízimos. É ainda com a maior comoção que verificamos, que são precisamente aqueles que maiores necessidades têm sofrido, os que mais se têm distinguido na fidelidade para com Deus. Nestes 2 anos, os dízimos da Missão elevaram-se a 54.000\$00

Orçamento da Missão

Pelos balancetes anuais enviados à tesouraria da União poder-se-á verificar que procurámos sempre trabalhar dentro dos limites dos orçamentos, findando mesmo cada ano com pequenos ganhos.

Perspectivas de baptismos ainda para o ano de 1949

Dentre o bom número de almas interessadas que estão frequentando a classe baptismal, contamos baptizar ainda este ano, algumas mais, de forma a aproximarmos do alvo que nos está fixado.

Concluindo, direi: tudo isto é pouco e ainda mais para nós do que para os outros, mas deixai-me perguntar com o profeta: «Quem despreza o dia das coisas pequenas?» (Zacarias 4:9).

Para que nos alegremos com dias maiores e com «coisas» mais grandiosas no futuro da obra na Madeira e na nossa União, com a devida vénia, faço minhas as seguintes palavras do prezado Irmão, pastor Fridlin, numa circunstância semelhante à aqui nos encontramos: «Não pedimos, Senhor, que nos concedas uma tarefa semelhante às nossas forças, mas que nos sejam concedidas forças à altura da tarefa que nos deste a realizar».

Pela Missão Madeirense
PEDRO RIBEIRO

União Portuguesa

Primeira Sessão Administrativa das Assembleias Bienais da União Portuguesa, de 1949

«Aos vinte e um dias do mês de Setembro de mil novecentos e quarenta e nove, realizou-se, por volta das onze horas, de acordo com o programa aprovado, a primeira Sessão Administrativa das referidas assembleias.

Presidiu o Director da Divisão Sul-Europeia, Pastor W. R. Beach. O Director da União, Pastor A. Dias Gomes procedeu à verificação de poderes dos delegados às assembleias a quem comunicou que de harmonia com os «Estatutos» passavam a constituir, durante as assembleias, o órgão legislativo da «União».

Seguiu-se a leitura da acta das últimas assembleias, leitura esta que foi feita pelo secretário da União; a acta foi aprovada por unanimidade.

Seguidamente, por proposta do presidente, foi eleita a comissão preparatória de nomeações que foi aprovada e assim constituída:

Pastores:

W. R. Beach
M. Lourinho
P. Ribeiro
E. Ferreira

Obreiros:

J. Esteves
J. S. Grave
F. Cordas

Membros:

H. Faro
A. Alves

A assembleia aprovou, depois, vários nomes para o desempenho de serviços auxiliares.

São delegados às assembleias os seguintes membros:

Divisão Sul-Europeia:

Pastores:

W. R. Beach
M. Fridlin
R. Gerber

ACTA N.º 80

Missão da Madeira:

Pedro B. Ribeiro

Missão dos Açores:

Manuel Lourinho

Missão de Cabo Verde:

Evangelista João Esteves

Missão de S. Tomé:

Direcção da União

Igreja de Lisboa:

Pastor Manuel Leal
Maria Henriqueta Pires
Maria Amélia Sommer
Lucelinda Godinho
Jerónimo Falcão
Francisco Baião
Manuel Ferraz
Arnaldo Raposo
Luís Carlos Faro
Estefânia da Conceição
Elvira Santiago Coelho
Clotilde Santiago Nogueira
Ana Gomes (Cascais)
Henrique João Faro
Lucília da Piedade Serra
Maria Edite Valente
Maria José Montês

Igreja do Porto:

Pastor Marcelino Viegas
Alberto Vieira da Rocha
Augusto Monteiro Alves
Joaquim Teixeira Júnior
Hermínio Monteiro

Igreja de Portalegre:

Pastor E. Ferreira
João Brito
Vicente Ramalho
Manuel Laranjeira

Igreja da Ribeira de Nisa:

Manuel Jorge de Mendonça
João Roque

Igreja do Seminário:

Beátriz Gouveia
António Teixeira (pai)
Filipe Esperancinha

Igreja de Tomar:

Samuel Reis
Manuel Gomes
Mercedes Esteves

Igreja do Barreiro:

José Laranjeira
Manuel Máximo
Custódia Figueiredo

Igreja de Setúbal:

J. J. Pires
Constante Trindade
Cristina Trindade

Igreja de Coimbra:

José S. Grave
Idalina Ferreira

Igreja de Nisa:

José Abella

Igreja do Algarve:

Francisco Cordas
Casimiro Pontes

A sessão encerrou-se com uma prece do Pastor A. F. Raposo.

Segunda Sessão

Às 17 horas e com a assistência dos Irmãos da Divisão, Pastores Beach, Fridlin e Gerber, iniciou-se a segunda sessão com o hino 195 e a prece do Pastor Raposo.

A assembleia aprovou a lista das comissões apresentadas pela comissão preparatória de nomeações, e que é a seguinte:

Comissão de nomeações:

Presidente:
Pastor Beach

Vogais:

José Grave
Francisco Cordas
Manuel Leal
Ernesto Ferreira
Constante Trindade
Teixeira Júnior

Comissão de resoluções:

Presidente:

Pastor Gerber

Vogais:

A. D. Gomes
Manuel Leal
A. F. Raposo
Nunes Branco
Fernando Mendes
Ernesto Ferreira
Irene Ribeiro
João Esteves
Henrique Faro
Samuel Reis
José J. Pires
Manuel Lourinho
Augusto Monteiro Alves
José J. Laranjeira
José Abella

Comissão de credenciais:

Presidente:

Pastor Fridlin

Vogais:

A. D. Gomes
P. B. Ribeiro
Manuel Lourinho
M. Viegas

Seguiram-se os relatórios da Direcção da União e o «Estatístico» que foram aprovados, tendo sido apresentados, respectivamente, pelo presidente e tesoureiro da União.

Com o hino 175 e uma prece do Irmão Samuel Reis, foi encerrada a sessão.

Terceira Sessão

As 11 horas do dia 23 de Setembro teve lugar a terceira sessão administrativa, iniciada com o hino 262 e a prece do Irmão J. Falcão.

O Pastor A. F. Raposo leu em seguida o relatório da Escola Sabatina, terminando com o apelo para mais cuidadosa assistência por parte de todos os membros. O Pastor Beach pôs então em foco o progresso observado já no primeiro semestre do corrente ano, tanto sob o ponto de vista de ofertas, como do número de membros.

Tivemos em seguida oportunidade de ouvir o relatório da Missão do Interior, apresentado pelo Pastor Manuel Leal.

O terceiro relatório apresentado foi o do Departamento de Publicações, através do qual podemos verificar que o ano de 1947 foi o melhor em toda a história deste departamento na União e que o mês de Agosto de 1949 foi o melhor mês de vendas de todos os tempos em Portugal.

Fomos despedidos em oração pelo Pastor Pedro Ribeiro.

Quarta Sessão

Iniciou-se a quarta sessão, às 17 horas do dia 22 de Setembro, com o hino 201 e a prece do Irmão J. J. Laranjeira.

Foi dada a palavra ao Irmão Francisco Cordas que falou sobre o trabalho no Algarve, salientando os progressos realizados.

O Pastor Dias Gomes passou a ler o relatório das actividades dos Missionários Voluntários.

Seguiu no uso da palavra o Irmão J. Pires, que falou do trabalho em Setúbal. Depois de apresentar os progressos feitos no campo dos baptismos e das finanças, salientou a necessidade de uma nova sala.

Terminámos a sessão com o hino 212 e uma oração do Irmão Henrique Faro.

Quinta Sessão

A 23 de Setembro, iniciou-se a 5.ª sessão com o hino 263 e a prece do Irmão Juvenal.

O presidente, Pastor Dias Gomes, apresentou o relatório do Departamento da Educação, que foi devidamente apreciado.

Seguidamente, a comissão de credenciais apresentou o seu relatório que é do seguinte teor:

Pastores consagrados:

António Dias Gomes
Alberto F. Raposo
Ernesto Ferreira
Eliseu Miranda
Manuel Leal
Manuel Lourinho
Marcelino Viegas
Pedro Ribeiro

Pastor honorário:

Fernando Simões

Propostos para consagração:

Francisco Cordas
João Esteves
José Grave
José J. Pires

Ministros licenciados:

Arlindo Miranda
José N. Branco
José Joaquim Laranjeira
Manuel Miguel
Samuel Reis

Missionários licenciados:

Beatriz Gouveia
Edite Nunes
Fernando Mendes
Gregório Rosa
Lucelinda Godinho
Rosa Raposo

Obreiras bíblicas:

Henriqueta Pires
Maria Amélia Sommer

Estagiários:

Casimiro Pontes
Eduardo Pinto
Gilberto Faria
José Abella
João Mendonça
Juvenal Gomes
Manuel Lobato
Manuel Jorge de Mendonça
Maria José Montês
Raúl de Meneses

Colportores evangelistas acreditados:

António Gomes Duarte

Colportores autorizados:

Idalina Ferreira
Maria L. Saboga

Colportores honorários:

Elisa de Jesus Simões
Jerónimo Falcão
Manuel Garcia

Professores de escolas primárias:

José Augusto
Lucília Ferreira
Maria Celestina Galvão
Maria José Rosa

Seguiu-se a apresentação do relatório do Seminário, lido pelo director E. Ferreira.

O Pastor Beach salientou o trabalho realizado pelo Seminário e congratulou-se pelos bons resultados havidos, no Departamento da Educação.

Com o hino 194 e a prece do seminarista J. Nogueira, foi encerrada a sessão.

Sexta Sessão

Iniciou-se a sexta sessão com uma prece do Pastor A. Raposo.

Foi apresentado o relatório da actividade da Escola Rádio-Postal.

Seguidamente o presidente apresentou o seu relatório do Departamento da Liberdade Religiosa.

O Pastor Beach, comentando as actividades deste Departamento, em toda a obra mundial, pôs em relevo a sua importância e aproveitou o ensejo para comunicar a importantíssima notícia, que, graças aos bons serviços do Dr. Nussbaum havíamos conseguido — segundo telegrama que recebera na véspera — que o projecto para a adopção do calendário Perpétuo fosse retirado da agenda a apresentar à ONU.

A sessão foi encerrada com a prece do presidente.

Sétima Sessão

A sétima sessão, no dia 25 de Setembro, foi aberta com a prece do Irmão Dr. Nunes Branco.

O presidente da *Comissão de Resoluções*, Pastor Gerber, anunciou que a sua comissão ia apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Seguiu-se, por isso, a leitura das resoluções, que foram aprovadas por unanimidade.

Em vista do adiantado da hora foi a sessão encerrada com a prece do Pastor J. Esteves.

1.ª Resolução:

Considerando o inefável dom da liberdade que o Autor da Paz nos tem concedido, durante este biénio;

Considerando a preciosa graça da vida e da saúde, que o Senhor da vida concedeu a todos os obreiros da nossa União;

Considerando o notável e evidente progresso registado nos dízimos, ofertas, baptismos, colportagem — numa palavra: em todos os nossos Departamentos, graças à bondade de Deus,

Recomendamos, insistente e jubilosamente:

«Um voto de acção de rendidas graças ao nosso bom Deus, pela Sua misericordiosa protecção que tão evidente e copiosamente nos fez sentir, com o propósito sincero

e eficaz de uma nova reconsecração ao trabalho, que supra as deficiências e alente a nossa boa vontade de melhor servir a Deus e a Sua obra».

2.ª Resolução:

Considerando que nos aproximamos, a passos largos, do fim deste mundo de misérias e violências — circundados estamos dos sinais preditos por nosso Divino Salvador, anunciando, claramente, a Sua gloriosa volta,

Recomendamos:

«Que todos, obreiros e membros nos lancemos, ardorosamente, num despertamento geral e impetremos ao Senhor da vinha, a chuva serôdia, em grande cópia, que venha sazonar, rapidamente, a messe; que se aproveite, já, o magnífico ensejo da próxima «Semana de Oração», para a consecução de tão belo projecto».

3.ª Resolução:

Relembrando a simpatia cristã e auxílio especial recebidos, durante o biénio decorrido,

Resolvemos:

«Agradecer, mui sinceramente, à Divisão Sul-Europeia e à Conferência Geral por tudo quanto tem feito pela nossa União, na certeza de que procuraremos ser sempre o mais dignos possível dessa simpatia».

4.ª Resolução:

Considerando a importância da «Escola Rádio-Postal» — o grande meio preconizado há anos, no Espírito de Profecia, quando assinala: «Que a verdade deve ser dita sem reboços, em folhas soltas e folhetos e, esses, espalhados como folhas de Outono» (Test., vol. 9, pág. 231) — meio este, que o Senhor colocou, precisamente, agora, nas nossas mãos, o que faz parte, indiscutivelmente, da guarda avançada da obra Adventista em marcha,

Recomendamos:

«Que os obreiros dediquem muita boa atenção à divulgação da Escola Rádio-Postal, pois nela têm um óptimo auxiliar para conseguir nomes de interessados».

5.ª Resolução:

a) O bom espírito de colaboração e actividade manifestados pelas diferentes igrejas da União no trabalho da Campanha das Missões e no da Grande Semana;

b) que raras são as igrejas que não atingem os seus objectivos e muitas outras o ultrapassam,

Resolvemos:

«Agradecer tão bom espírito manifestado em todas as igrejas e em seus respectivos obreiros e, recomendamos a todos os obreiros e suas igrejas que envidem todos os esforços para poderem continuar a acompanhar a boa marcha de conjunto da igreja, nas campanhas, e que tomem como princípio, trabalhar até que todos os seus alvos estejam alcançados».

6.ª Resolução:

Considerando a relutância que existe, ainda, nalguns crentes em relação ao trabalho missionário por eles efectuado,

Recomendamos a todos os obreiros que continuem, zelosamente, a orientar e a estimular os directores e secretários das respectivas sociedades missionárias, a fim de que, cada membro, que na igreja trabalha, relate o seu trabalho».

7.ª Resolução:

Verificando o crescente interesse manifestado pelas igrejas e obreiros sobre a juventude e o entusiasmo desta, nas actividades do departamento,

Recomendamos:

a) Que procuremos, sempre, a colaboração da juventude, nas actividades espirituais e missionárias das igrejas;

b) Que procuremos como obreiros e oficiais da igreja, desenvolver o plano das classes progressivas, de forma a podermos atingir o nível desejado no próximo biénio;

c) Que sejam animadas as sociedades no uso do uniforme e outros distintivos denominacionais do M. V. dando os obreiros o exemplo, tanto quanto nos seja permitido pelas leis.

8.ª Resolução:

Considerando a importância que representa para as nossas crianças uma boa iniciação no estudo da escola sabatina infantil,

Recomendamos:

Que as direcções locais da escola sabatina dediquem a máxima atenção à doutrinação das nossas crianças, dentro da escola sabatina, de modo a torná-la o mais atraente possível.

9.ª Resolução:

Considerando a importância da página impressa e os largos hori-

zontes que se podem abrir na colportagem «pois a nossa literatura há-de mostrar que está às portas o fim de todas as coisas», como nos doutrina o Espírito de Profecia,

Recomendamos:

«Que os obreiros procurem recrutar, nas suas igrejas, os melhores elementos para a realização da obra de uma colportagem permanente».

10.^a Resolução:

Considerando as experiências realizadas nas nossas escolas primárias,

Resolvemos:

a) Relembrar à juventude seminarista a vantagem de uma boa preparação para o ensino primário que poderá ser-lhe muito útil dentro das actividades missionárias;

b) Que nos programas das escolas figurem as seguintes actividades:

1) Iniciar os serviços da manhã pela leitura da vigília e prece.

2) Um curso simples de doutrinas adventistas, num mínimo de 3 horas semanais, de forma que, no fim de 4 anos do curso, os alunos tenham os rudimentos de doutrina como os de qualquer outra disciplina, pelo menos.

3) Que encorajemos, vivamente, os pais das crianças que frequentam as escolas das igrejas, a que enviem os seus filhos à escola sabatina e culto apropriados.

11.^a Resolução:

Considerando a deplorada situação do mundo actual imerso num crasso materialismo sobrecarregado de intemperança e glotonaria,

Recomendamos:

Que de acordo com as indicações da «Conferência Geral» se organize a «Sociedade Portuguesa de Temperança e Abstinência», e que o conselho da União trabalhe no sentido de dar provimento à sua actuação.

12.^a Resolução:

Considerando que a situação internacional continua instável e,

Considerando também as abundantes bênçãos divinas concedidas em todos os países, à juventude da nossa igreja, que serviu a Deus e à Pátria, nos serviços sanitários,

Recomendamos:

a) Que a juventude da nossa igreja, na idade do serviço militar dê todos os passos necessários

para conseguir a sua incorporação nos serviços de saúde do exército;

b) Que a União procure organizar cursos de treino dos serviços de saúde, onde quer que haja possibilidades, sob a direcção de pessoas competentes, com o objectivo de preparar os nossos jovens de modo a poderem ingressar nos serviços sanitários do exército.

13.^a Resolução:

Considerando os avisos solenes do «Espírito de Profecia» sobre o respeito necessário que Deus exige que haja em Sua casa;

Considerando os reparos desagradáveis, mas justos, por alguns membros e até de pessoas que nos visitam, para o nosso trabalho da salvação das almas,

Resolvemos:

«Pedir a todos os nossos obreiros e igrejas o máximo cuidado para que nos nossos serviços religiosos se não note a mais pequena quebra de respeito e reverência que devemos aos nossos lugares de culto.

14.^a Resolução:

Considerando que o objectivo da igreja Adventista, tal qual o lemos nas Sagradas Escrituras e no Espírito de Profecia, é a Evangelização do Mundo;

Considerando que em Portugal, temos tanta liberdade, quanta necessitamos para proclamar a mensagem do Advento,

Resolvemos:

a) Lembrar a todos os obreiros, seja qual for a sua credencial que só a evangelização directa constitui o mais importante trabalho da hora presente;

b) Insistir para que se façam, a partir deste Outono, «campanhas de evangelizações» em toda a parte, mais de modo especial, onde temos edifícios, cuja finalidade é a de se encherem de ouvintes, dos quais esperamos, saíam almas para a vida eterna.

União Portuguesa

Conselho Executivo:

Presidente — A. D. Gomes.

Sec.-Tesoureiro — P. B. Ribeiro.

Vogais — M. Leal, A. F. Raposo, F. Mendes, E. Ferreira, Dr. Nunes Branco, M. Lourinho, J. Esteves, E. Miranda, A. Miranda.

Secretários de Departamentos:

Educação, Liberdade Religiosa e M. V. — A. D. Gomes.

Missão do Interior — M. Leal.

Escola Sabatina — P. B. Ribeiro.

Publicações — F. Mendes.

Conselho da Casa Publicadora:

Presidente — A. D. Gomes.

Secretário — A. F. Raposo (Dir. da Casa Publicadora).

Vogais — Os restantes membros do conselho da União.

Conselho do Seminário:

Presidente — A. D. Gomes.

Secretário — Director do Seminário.

Vogais — Os restantes membros da União.

Conferência Portuguesa

Presidente — A. Dias Gomes.

Sec.-Tesoureiro — P. B. Ribeiro.

Conselho executivo — A. D. Gomes, P. B. Ribeiro, M. Leal, F. Mendes, J. Grave, J. J. Pires, Joaquim Pires da Silva.

Secretários de Departamentos:

Educação, Liberdade Religiosa e M. V. — A. D. Gomes.

Missão Interior — M. Leal.

Escola Sabatina — P. B. Ribeiro.

Publicações — F. Mendes.

Missão da Madeira:

Director — M. Lourinho.

Sec.-Tesoureiro — P. B. Ribeiro.

Conselho Executivo — Lucília Ferreira, Eduardo Pinto e M. Lourinho.

Missão dos Açores:

Director — J. Esteves.

Sec.-Tesoureiro — P. B. Ribeiro.

Conselho Executivo — J. Esteves, M. Miguel e R. Meneses.

Missão de Cabo Verde:

Director — A. Miranda.

Sec.-Tesoureiro — P. B. Ribeiro.

Conselho Executivo — A. Miranda, G. Rosa e J. Mendonça.

Sec. dos Departamentos — A. Miranda.

Oitava Sessão

Foram apresentadas à assembleia e aprovadas por unanimidade:

Emendas aos Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

1.^a — No Art. 1.^o — Nome, pág. 1, na terceira linha do artigo, onde se lê: «Adventistas nos territórios do império português», passa a ler-se: «Adventistas nos territórios da metrópole e do império colonial português».

2.^a — Na pág. 2; Art. 3.^o b), na linha 3.^a, onde se lê: «Instituições sanitárias», deve intercalar-se, a seguir à expressão: «por meio de» no final da segunda linha: «por meio da organização de congregações religiosas adventistas».

3.^a — Na pág. 2, art. 3.^o, acrescenta-se uma alínea que será f): «f) Administrar o Seminário Adventista para formação dos ministros e demais pessoal desta União, e localizado, actualmente, em Portalegre».

4.^a — Pág. 2, art. 3.^o, d): esta alínea termina no fim do seu primeiro período. Suprime-se, pois, o segundo período que começa: «À data da redacção...» até ao fim do período: «...de Cabo Verde».

5.^a — Pág. 2, art. 4, intercala-se entre a expressão «império

português», o adjectivo: «Colonial»:

6.^a — Na pág. 3, art. 6, parágrafo 1.^o, acrescenta-se a este n.^o 1.^o após as palavras: «órgão oficial da União», o seguinte:

«ou por carta dirigida à direcção das instituições pertencentes à União, ou, ainda, por anúncios nos jornais».

7.^a — Na pág. 5, art. 7.^o, c) no início, onde se lê: «as congregações das ilhas e colónias serão representadas pelo director da missão a que pertençam...», passa a ler-se:

«As missões das Ilhas e Colónias serão representadas pelo seu director ou pelos seus missionários...».

8.^a — Na pág. 5, no art. 9, § 1.^o, onde se lê no início:

«O conselho director da União compõem-se de sete membros...», passa a ler-se: «O conselho director da União compõe-se de um mínimo de 7 membros...».

9.^a — Na pág. 5, art. 9.^o, § 3, onde se lê, no início:

«Os restantes cinco membros são eleitos...», suprime-se o adjectivo cinco passando a ler-se:

«Os restantes membros são eleitos...».

10.^a — Na pág. 6, no art. 9.^o, § 5, no segundo período do segun-

do parágrafo gramatical desse período, onde se lê:

«Esta apresentará à Assembleia Geral a lista dos cinco nomes...», suprime-se o adjectivo «cinco» e passa a ler-se:

«Esta apresentará à Assembleia Geral a lista dos nomes...».

11.^a — Na pág. 6, art. 9.^o, é suprimida toda a alínea e) que diz:

«Nomear os directores e conselhos responsáveis das missões locais».

12.^o — Na pág. 6, art. 9.^o, a alínea f) passa a designar-se por alínea e). Suprime-se, nesta alínea e) as palavras «e conselhos», passando a ler-se:

«Nomear os directores de todas as instituições dependentes desta União».

13.^a — Na pág. 8, no art. 13, n.^o 3.^o no início, onde se lê:

«Conservar os arquivos e obter das igrejas os relatórios...», passa a ler-se:

«Conservar os arquivos e obter das instituições da União os relatórios...».

Quanto ao art. 7.^o, parágrafo 3.^o, alíneas a) e b) e art. 17 e 18, a Assembleia votou plena confiança na Divisão e no conselho da União para lhes modificar a redacção, caso haja necessidade.

A Assembleia votou encerrar os seus trabalhos o que se fez com a oração do Pastor Mário Fridlin.

Lisboa, 25 de Setembro de 1949.

RELATÓRIO

Pelo presidente, Pastor A. Dias Gomes, foi sempre frizado o trabalho da Missão de S. Tomé, a única que não tinha representação regular nestas assembleias mas que foi, indubitavelmente, uma das que mais se distinguiram pelo seu trabalho de evangelização, no prazo decorrido de 1947 a 1949. Com efeito:

Em 1948, Deus concedeu a esta Missão 50 baptismos. Tem actualmente na sua escola primária mais de 140 alunos.

Iniciou a obra de evangelização na ilha do Príncipe.

Temos também o prazer de comunicar que, à data em que lerem estas notícias, já foram tomadas providências para enviar a S. Tomé mais uma professora com o fim de ajudar tamanho trabalho escolar. Também o conselho da União esteve reunido e votou importantes auxílios a esta missão. Pensamos que, com o auxílio de Deus, os Obreiros desta missão obterão sempre os mesmos triunfos, caso não seja possível maiores.

DA MISSÃO DE S. TOMÉ

RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM

UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Ano de 1947

Meses	Colportores	Horas	Livros	Revistas	Total
Janeiro	5	352	1.622\$00	3.219\$00	4.841\$00
Fevereiro	5	345	2.452\$00	1.971\$00	4.423\$00
Março	17	667	5.232\$00	13.736\$00	18.968\$00
Abril	9	315	3.210\$00	4.418\$00	7.628\$00
Maio	6	317	1.810\$00	3.509\$00	5.329\$00
Junho	8	495	3.456\$00	5.456\$00	8.912\$00
Julho	16	908	11.915\$00	4.484\$00	16.399\$00
Agosto	23	1.144	11.265\$00	8.324\$00	19.589\$00
Setembro	19	1.407	14.956\$00	14.701\$00	29.657\$00
Outubro	19	971	33.892\$00	7.686\$00	41.578\$00
Novembro	6	291	3.300\$00	1.910\$00	5.210\$00
Dezembro	10	797	9.582\$00	1.922\$00	11.504\$00
TOTAIS		8.009	102.692\$00	71.336\$00	174.028\$00

«Crepúsculo ou Aurora?»
 «Como Funciona a Nossa Mente?»
 «Saúde e Lar»

Ano de 1948

Meses	Colportores	Horas	Livros	Revistas	Total
Janeiro	11	571	1.900\$00	7.150\$00	9.050\$00
Fevereiro	6	350	3.050\$00	2.241\$00	5.291\$00
Março	10	664	7.570\$00	3.200\$00	10.770\$00
Abril	12	424	6.675\$00	3.967\$00	10.642\$00
Maio	8	402	3.950\$00	4.380\$00	8.330\$00
Junho	12	726	4.570\$00	6.794\$00	11.364\$00
Julho	12	716	6.794\$00	4.500\$00	11.294\$00
Agosto	11	882	13.510\$00	4.062\$00	17.572\$00
Setembro	11	885	12.125\$00	4.030\$00	16.155\$00
Outubro	10	307	3.390\$00	3.769\$00	7.159\$00
Novembro	10	450	9.159\$00	11.341\$00	20.500\$00
Dezembro	5	272	8.262\$00	5.952\$00	14.214\$00
TOTAIS		6.639	80.955\$00	61.386\$00	142.341\$00

«Como Funciona a Nossa Mente?»
 «Saúde e Lar»

Ano de 1949

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Total	Território
Gilberto P. Faria	150	8.490\$00	—	8.490\$00	Porto
Missão dos Açores	—	7.500\$00	—	7.500\$00	P. Delgada
Camacho e Escudeiro	190	5.430\$00	—	5.430\$00	Lisboa
João G. Nogueira	178	4.770\$00	—	4.770\$00	Lisboa
Pestana e S. Brito	108	3.180\$00	—	3.180\$00	Viseu
Amadeu e Damasceno	120	2.740\$00	—	2.740\$00	Leiria
Maria L. Saboga	84	—	2.300\$00	2.300\$00	Lisboa
Joaquim Morgado	57	1.830\$00	—	1.830\$00	Lisboa
Idalina Ferreira	60	—	1.750\$00	1.750\$00	Coimbra
Afonso e Daniel	68	780\$00	605\$00	1.385\$00	Minho
Manuel Lobato	200	1.350\$00	—	1.350\$00	Tomar
Júlio de Melo	106	1.285\$00	—	1.285\$00	Algarve
Manuel Laranjeira	144	1.230\$00	—	1.230\$00	Setúbal
Jorge de Mendonça	160	1.200\$00	—	1.200\$00	Sanitarém
Helena Máximo	16	—	405\$00	405\$00	Viseu
Jerónimo Falcão	39	395\$00	—	395\$00	Lisboa
TOTAIS	1.680	40.180\$00	5.060\$00	45.240\$00	

«Basta o Amor?»
 «Saúde e Lar»

FERNANDO G. MENDES

DEPARTAMENTO DA LIBERDADE RELIGIOSA

Relatório apresentado às Assembleias de 20 a 25 de Setembro de 1949

No relativismo da existência humana, podemos afirmar que tivemos plena liberdade de acção religiosa, no período decorrido desde as últimas Assembleias.

Nenhuma autoridade ou repartição de Estado procurou interferir na acção das congregações adventistas que tiveram todas, — no continente, ilhas e colónias — amplamente abertas as suas portas e fizeram toda a espécie de propaganda.

Ainda, ao abrigo de certas leis ou decretos, não pagámos impostos pelos prédios da União destinados ao culto.

A nossa casa editora trabalhou sem peias, apenas pagando os impostos devidos.

As nossas escolas receberam todas a sua autorização legal para funcionarem.

E, dito isto, parece-nos que nada melhor se poderia desejar. Precisamos, porém, assinalar certos incidentes:

1.º — Prisão de Colportores: Em Barcelos foram presos ou postos incomunicáveis os jovens Carrilho e Pestana, sob acusação de propaganda comunista. Transitaram para a sede da P. V. D. no Porto tendo permanecido uns 15 dias enclausurados. Quando a polícia do Porto verificou que se tratava de dois agentes de publicações «protestantes», deram-lhe imediata liberdade.

Lição a tirar: Sob acusação de comunistas ninestá isento de ser detido pela P. V. D. Necessitam, pois, de colocar os agentes da página impressa ao abrigo dessa acusação, velando por que estejam sindicalizados, dando-lhes credenciais da casa publicadora e livros que, nem de leve, abordem assuntos políticos ou tragam fotografias tendenciosas.

2.º — Ataques na Imprensa: Fomos atacados pelo determinado jornal da Covilhã que nos acusou de «comunistas»; em seguida fomos atacados pelo «Brotéria» no mesmo estilo.

Respondemos dentro da verdade.

Tentámos dar os primeiros passos legais mas cedo nos capacitámos que não são todos os advogados que desejam defender tais causas, embora dentro da verdade e da legalidade. Tivemos, portanto, de ficar quietos e caluniosamente afrontados.

Sempre contámos com a inteligência da Polícia que deve distinguir entre um Adventista e um Comunista ou político de qualquer sector.

Mas chamamos a atenção de todos para a necessidade de encontrar meios de fazer cessar tais calúnias que, dia mais, dia menos, causarão sérias dificuldades.

Lição a tirar: Precisamos reafirmar e viver a nossa resolução de alheamento a questões políticas, nacionais ou internacionais.

Creemos ser nosso dever elogiar a atitude de todos os Obreiros nessa abstenção política.

Também não conhecemos pessoalmente nenhum Adventista que manifeste a mínima tendência polí-

tica. Todos confiam esse problema à inteligência dos políticos e à maioria da nação.

Mantenhamos sempre esta atitude e evitemos qualquer interpretação profética que envolva referências a políticos da direita, centro ou esquerda.

Mesmo assim, não faltarão atritos mas, acima de tudo, a nossa consciência tranquila.

3.º — Dificuldades Académicas: Havendo para cima de 1.000 jovens nas nossas congregações, nada mais natural do que existirem muitas dezenas de estudantes.

A questão da guarda do sábado, dos exames ao sábado, fatalmente tinha de surgir.

Não vemos nisso mínima perseguição. As autoridades escolares depararam com um problema do qual nem suspeitas tinham. Temos de interpretar as suas reacções com imparcialidade: uns, tolerantes, deram todas as facilidades; outros, intolerantes e de partido católico, quiseram aplicar friamente a Lei.

Querem que uma escola oficial altere a sua orgânica para dar a guarda do sábado a um ou a meia dúzia de alunos, vejam bem que é infantil. Dar inteira liberdade a um adventista de não comparecer ao sábado, durante todo o ano lectivo, nas aulas, não seria estar a pedir a desordem?

Qual é a escola adventista e em que país do mundo se encontra onde sejam admitidos alunos que declarem querer violar o sábado e guardar outro dia lectivo? Ora não devemos pedir aos outros o que não desejamos ou não podemos conceder.

Baseados neste simples raciocínio, somos levados a relembrar, com muita gratidão, tantos casos de benevolência e boa vontade, desde o Ministério da Educação, até às escolas primárias, onde têm feito exame os nossos pequenos. Se, às vezes, deparámos com um irritadiço intolerante, não poucas encontrámos simpatia e respeito.

Que lição tiraremos?

Que estamos em frente de um grave problema para o qual teríamos solução caso fôssemos milionários e pudéssemos dotar cada Igreja de escola primária (feminina, outra masculina), e, por cima, de uma escola secundária, com centro da mocidade. Tudo isso pertence ao reino da utopia, por enquanto.

Curvamo-nos perante os Pais e Mães que estão lutando na solução deste magno problema, entre os quais nós estamos também pessoalmente. Vamos fazendo o melhor que pudermos e Deus proverá.

Apenas mais uma observação: temos visto a pena causada aos pais e estudantes, a braços com estas dificuldades, quando são abordados por Irmãos sem filhos, ou que não querem instruí-los, ou que estão em muito melhores condições financeiras ou, até mesmo, que não são francos em explicar como resolveram este problema. Se não sabemos como solucionar o problema mostremos toda a nossa simpatia calando-nos e orando.

Pelo Departamento
O Secretário
A. DIAS GOMES

NO CONSELHO DA UNIÃO

EM JANEIRO DE 1949

com a presença dos Delegados da Divisão R. Gerber e J. J. Aitken

foi votado o seguinte

REGULAMENTO

DOS ESTAGIÁRIOS NA UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS

Considerando a necessidade de regulamentar a situação de estagiários no presente e futuro;

Considerando o artigo dos estatutos da União segundo o qual não podemos operar contra os regulamentos da conferência geral,

Achamos por bem adoptar o regulamento dos estagiários da mesma, como algumas poucas adaptações às circunstâncias da nossa União, e que ficará assim redigido:

Art.º I

§ 1.º — O estágio é o período de dois anos, após o curso ministerial num seminário, ou equivalente, durante o qual o aspirante ao ministério toma experiência e fornece provas práticas.

§ 2.º — O estágio pode ser prorrogado, para bem do estagiário, caso as provas prestadas deixem dúvida no Conselho da União.

§ 3.º — O estágio é indispensável para entrada no ministério e não obriga a União Portuguesa, caso se manifeste a incapacidade física, intelectual, moral ou espiritual do estagiário.

Art.º II

§ 1.º — São condições indispensáveis para admissão ao estágio:

- a) Idade não superior a 30 anos. Dessa idade em diante, necessita-se aprovação da Divisão.
- b) Uma visível experiência cristã.
- c) Um curso completo de uma Escola Adventista, de treino missionário ou equivalente.
- d) Recomendação do corpo directivo da escola sobre os três seguintes factos:
 - 1) Comportamento religioso.
 - 2) Aplicação e resultado nos estudos.
 - 3) Diligência no trabalho.

§ 2.º — Nunca é demasiado sublinhar a importância do ministério e a necessidade de uma alta preparação mental, nunca inferior à espiritual. Hajamos em vista que a Conferência Geral, nos Estados Unidos, exige um mínimo de 16 anos de estudo aos candidatos ao estágio.

§ 3.º — Necessita o candidato ter uma razoável saúde e não sofrer do sistema nervoso nem do aparelho fonador.

Art.º III

A União assume a liberdade de admitir ao estágio todo e qualquer individuo que, pela sua cultura inte-

lectual ou eficiência comprovável e utilizável, possa exercer influência preponderante na evangelização portuguesa.

Art.º IV

§ 1.º — O estagiário não é assalariado mas recebe uma ajuda financeira da União nos seguintes termos:

- a) Estagiários solteiros (máximo) ... 900\$00
- b) Estagiários solteiros com cursos e aptidões especiais bem como estagiários casados (máximo) ... 1.200\$00

§ 2.º — Dentro destas bases, compete ao Conselho da União determinar, a ajuda em cada caso, podendo também modificá-lo ao fim de cada ano.

Art.º V

§ 1.º — Findar o curso numa escola adventista não é razão bastante para ser admitido ao estágio. O aspirante deve apresentar um pedido à Direcção da União acompanhado dos seguintes certificados:

- a) Certidão de idade.
- b) Atestado da escola onde cursou de harmonia com os art.ºs 1 e 2.
- c) Qualquer atestado de habilitações que julgue necessário.

§ 2.º — Passará a exame médico, em local e por médico a indicar pela Direcção, sendo motivo de recusa ao estágio qualquer doença nervosa, repugnante, contagiosa em evolução, ou do aparelho fonador.

§ 3.º — Os estagiários serão admitidos segundo as possibilidades financeiras da União.

Art.º VI

§ 1.º — O estagiário solteiro, caso ache conveniente casar-se, não tem melhoria de gratificação.

§ 2.º — A organização só em casos muito especiais admitirá ao Seminário, com o fim de entrar no ministério, casais, com ou sem filhos.

Art.º VII

§ 1.º — Ao fim dos dois anos de estágio e depois de recebidos por escrito, para arquivar a cada processo, os pareceres dos Obreiros sob a direcção dos quais trabalharam os estagiários, e quando satisfatórios, serão admitidos no quadro de Obreiros Regulares.

RELATÓRIO DA UNIÃO PORTUGUESA

APRESENTADO À DIVISÃO SUL-EUROPEIA NO CONCÍLIO DE INVERNO DE 1949, EM BERNA

Prezados Irmãos:

Temos o prazer de vos dar o nosso relatório sobre os resultados obtidos na nossa União, durante os primeiros três trimestres de 1949.

Prestamos a melhor das nossas atenções a todas as recomendações por vós feitas no último Concílio de Inverno desta Divisão. É possível que os vossos votos não tenham obtido os resultados por vós previstos ou por deficiência da direcção local ou porque as condições locais foram demasiado duras para os nossos possíveis esforços.

Como podem controlar nos diferentes relatórios aqui apresentados, a União Portuguesa tem seguido na senda iniciada no seu primeiro ano e, a despeito de ser uma «jovem menina» na vossa família Divisionária, fez indubitavelmente um bom esforço para acompanhar o passo dos outros mais diligentes membros.

Submetemos à vossa amável consideração os factos seguintes:

1 — Os Obreiros, de uma maneira geral, prestaram uma boa atenção aos serviços missionários. O alvo dos baptismos recebeu cuidados especiais de quase todos. No fim do terceiro trimestre tínhamos relatados 154 baptismos e, durante a primeira parte deste quarto trimestre, mais baptismos se realizaram. Não devemos estar muito longe de 200 baptismos durante este ano.

A Igreja de Lisboa, neste ano, recebeu o galardão de honra com os seus 38 baptismos. A secção de Portalegre teve 25 baptismos. A Igreja do Porto registou 20 baptismos e indica mais 12 pessoas interessadas. Na ilha do Pico organizou-se uma Congregação com uns 20 novos membros.

2 — O Departamento da Missão Interior teve a oportunidade abençoada de vos apresentar um bom relatório, a despeito da falta em que incorre o nosso povo de relatórios deficientes.

3 — As actividades do M. V. fo-

ram reforçadas com bons resultados, especialmente onde o pastor local mostrou algum interesse na juventude.

Os relatórios mostram que muito perto de 50 % da Campanha das Missões foram obtidos pelo M. V. O auxílio financeiro para a reconstrução da Missão de Sanguemélina, nos Camarões, já está praticamente obtido no fim do terceiro trimestre.

4 — O Curso Bíblico por Correspondência nasceu praticamente nos princípios de 1949 e, após uma pequena propaganda, 1.300 estudantes se inscreveram, dos quais uns 100 já acabaram o curso. Baptizámos já oito desses estudantes. Um deles pediu a sua demissão das Forças Armadas para empregar todo o seu tempo a uma melhor preparação para o Reino de Deus. É agora um honesto lavrador e membro da nossa Congregação de Coimbra.

Fizemos experiências que nos permitem expressar a melhor esperança neste sistema de evangelização. O Curso Bíblico por Correspondência tem mais gente interessada a estudar a nossa Mensagem do que todos os Obreiros restantes!

5 — A Campanha das Missões recebeu de todas as Igrejas e Obreiros o interesse usual. O alvo foi ultrapassado.

A Igreja do Porto fez um esforço muito especial e constituiu um bom exemplo para toda a União. Tendo um objectivo de 10.000 obteve 21.000. Bem mereceu a camisola amarela neste desafio!

No fim do terceiro trimestre, sem termos recebido os resultados de alguns campos missionários, já tínhamos ultrapassado o alvo em 12 %.

6 — A Grande Semana é feita no quarto trimestre do ano. O nosso tesoureiro relatava nos meados de Novembro 60 % do alvo total. Sem grande virtude profética poderemos dizer que será obtido o alvo total.

7 — A primeira Convenção da Escola Sabatina em campo português fez-se em Coimbra sob a

direcção do secretário do Departamento da Divisão e deu os melhores resultados numa melhoria de assistência. Como podem ver no respectivo relatório, as ofertas aproximam-se a 20 % dos dízimos.

A média de assistência pode melhorar bastante na União. Há algumas semanas, por exemplo, descobrimos numa boa Igreja que 36 crianças não eram contadas embora assistissem à Escola Sabatina. Mostra isto apenas a possibilidade de melhores relatórios. As crianças necessitam uma atenção mais cuidada em todas as Congregações Portuguesas.

8 — O Departamento das Publicações demonstrou este ano, uma vez mais, a grande possibilidade de colocar livros entre o povo português. Depois da Convenção sob a direcção do Pastor Cross e depois da publicação de mais um pequeno livro, as vendas aumentaram 300 % sobre os trimestres anteriores.

Necessitamos de um programa de publicações feito com antecedência e de toda a perseverança em rivalizar este programa.

9 — As escolas portuguesas fizeram um bom trabalho.

No último ano lectivo, quatro escolas de instrução primária tiveram inscrições de 161 estudantes dos quais 42 fizeram exames oficiais. Este ano foram inscritas só em três escolas mais de 200. Só na escola de S. Tomé foram inscritos 146 alunos, segundo os últimos informes.

As escolas primárias com professores de espírito missionário, são mui importantes agências evangelizadoras. Muitos estudantes se tornam membros ou amigos.

O nosso Seminário está operando com mais de 30 alunos, número mais do que suficiente para as nossas possibilidades financeiras e para cobrir todas as actuais necessidades do nosso campo missionário.

Não pudemos, até à data, encontrar uma boa propriedade para estabelecer o Seminário. Pedimos a vossa paciência amável, uma vez

mais, pelo menos durante a primeira parte de 1950, porque esperamos encontrar alguma coisa. Necessitamos muito dos 30.000 dólares votados há dois anos.

10 — Os Missionários Portugueses entraram e saíram da nossa União:

Um casal entrou a férias da União de Angola.

Outro casal saiu do Seminário para Angola.

Dois casais com filhos saíram para as Missões de Cabo Verde e Açores.

Um jovem professor foi para S. Tomé e outro estagiário para Cabo Verde.

Significa isto que, durante 1949, umas 11 pessoas foram deslocadas para serviços missionários nas ilhas e colónias.

11 — A batalha da evangelização está prosseguindo. Quase todos os Obreiros, com a força e possibilidades de que dispõem, iniciaram os seus esforços de Inverno. Pessoalmente tive o prazer de assistir a dois conselhos para a organização dos esforços na área de Portalegre e na de Lisboa.

Este relatório, pequeno e pobre quando comparado com os relatórios de outras Uniões, mostra com a maior certeza que «Até aqui nos ajudou o Senhor» (1 Sam. 7:12). A Deus o nosso primeiro e melhor agradecimento.

Pedimos para que vos lembreis que vivemos num mundo sob a lei admirável da relatividade. Se desejarmos ter uma ideia real da verdade deveremos evitar o absoluto nas nossas considerações. Se tivéssemos tempo de pegar do lápis e fazer comparações entre Portugal e qualquer outra União desta Divisão, chegaríamos à seguinte conclusão: a União Portuguesa manteve o mesmo passo dos outros membros desta Divisão. Para estes resultados contribuíram muito, na nossa opinião, o cuidado, auxílio e conselhos recebidos dos dirigentes desta Divisão. Todos na nossa

União agradecem à Divisão. Sem esforço, nós queremos pensar de forma diferente de algumas nações beneficiárias do Plano Marshall. Os vossos conselhos, planos e condução são tão importantes para nós — sem abdicarmos da nossa qualidade de portugueses livres e independentes — como qualquer importância que desejeis gastar na evangelização da nossa Pátria.

Somos aqui os fiadores da lealdade da União ao programa evan-

gelistico da nossa Divisão especialmente no que ele tenha de particular para a evangelização dos nossos compatriotas.

As nossas mais urgentes necessidades são conhecidas por vós.

Por esta razão, se no-lo permittem, fecharemos o nosso relatório pedindo que a mão protectora de Deus seja com a C. G. e com a D. S. E.

Vosso

A. DIAS GOMES

«ATÉ AQUI, NOS ABENÇOOU O SENHOR»

(Conclusão da página 2)

campos de actividade. Quem fica mal são os missionários no continente! E também não vão mal sob o ponto de vista evangelístico porque as nossas colónias são campo promissor e produtivo de almas para a Igreja. Se os resultados, em qualquer circunstância, não foram tão animadores como seria para esperar, não se pode atribuir esse facto ao meio nem à Mensagem, mas à instrumentalidade.

Uma nova construção foi votada. A da capela de Canelas. Para ela contribuíram e estão contribuindo as igrejas dando alguma coisa para o Fundo de Construções, onde os Obreiros tomam a iniciativa de não esquecer os votos do Conselho da União. Não é raro que esqueçam e, em geral, esquecem-se os que não teriam dificuldade nenhuma em lembrá-lo. Mas precisamos habituar-nos à ideia de depender de nós em primeiro lugar e só, em extremo, recorrer ao vizinho.

Vale a pena construir. Na Ribeira de Nisa, quando acabámos a construção da modestíssima casa,

um Obreiro dos «espertos» — e que já não está no nosso meio — dizia-nos: «Não sei bem para que foi este gasto». Respondemos-lhe: «Para que se encha de crentes». Sorriu, foi-se, e a capela... encheu-se e nela existe uma Congregação com quarenta almas. E ainda há dias um Pastor nos dizia: «Se quiserem, venho de boa vontade estabelecer-me aqui porque creio que poderemos ganhar ao Adventismo uma grande porção desta aldeia». O mesmo se dará em qualquer parte onde Deus nos permita edificar uma casa ao Seu nome e à Sua Mensagem.

Se Deus nos permite construir em Canelas, estamos convictos de que alguma coisa haverá a fazer naquela localidade e noutras perto.

Uma coisa, porém, é necessário não ser perdida de vista até pelos Irmãos e Irmãs: uma vez as construções feitas, devem cessar todos os «clamores vãos e profanos» e lançarem-se todos num esforço colectivo de evangelização.

Eis a chave do sucesso e onde o Diabo sabe manobrar com uma habilidade de perito.

(depois daremos as restantes notícias)

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso: 1\$50 2\$00
Assinatura anual: 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picóas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES